

UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Curso de Psicologia

Camila Camargo de Aquino

**HOMOFOBIA NO FUTEBOL MASCULINO: UM OLHAR
PSICANALÍTICO**

São Paulo

2021

Camila Camargo de Aquino

**HOMOFOBIA NO FUTEBOL MASCULINO: UM OLHAR
PSICANALÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia da Universidade Santo
Amaro – UNISA, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

São Paulo

2021

A669h Aquino, Camila Camargo de

Homofobia no futebol masculino: um olhar psicanalítico / Camila Camargo de Aquino.– São Paulo, 2021.

42 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador(a): Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

1. Homofobia. 2. Homofobia no futebol. 3. Psicanálise e desejo. 4. Identificação projetiva. 5. Projeção. 6. Torcida. I. Silva, Gerson Heidrich da, orient. II. Universidade Santo Amato. III. Título.

Elaborada por Maria Lucélia S. Miranda - CRB 8 / 7717

Camila Camargo de Aquino

**HOMOFOBIA NO FUTEBOL MASCULINO: UM OLHAR
PSICANALÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^o. Dr. Gerson Heidrich da Silva

São Paulo, 10 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

Prof^a.

Prof^o.

Conceito Final

Agradecimentos

Primeiramente agradeço **a mim mesma** por não desistir, apesar dos dias difíceis e angustiantes, eu consegui!

Ao meu orientador **Gerson Heidrich da Silva**, por todos os interditos, apontamentos e auxílios no trabalho, em aula e na vida. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos, sabedoria e o seu precioso tempo.

Aos meus colegas e principalmente **meus amigos de curso**, por compartilharem das angústias, alegrias, tristezas não só na vida acadêmica como na vida pessoal. Obrigada pela ajuda de todos seja por gestos ou palavras!

Aos meus **amigos pessoais** e especialmente ao **Felipe Alves (Paulinho)** por toda a ajuda e apoio no início do curso e por incitar a minha curiosidade do saber da psicologia e principalmente da psicanálise.

À **minha família** que também foi de grande valia e suporte nesses anos.

Aos meus amigos do **grupo Flau**, pelos momentos e pelo apoio de todos. Descanse em paz **Julinha**, te amamos para sempre.

Ao **futebol** por todos os momentos de riso e choro, além de ser esperança e alegria há milhões de pessoas ao redor do mundo. E por instigar essa pesquisa.

Principalmente ao clube de futebol, **Sociedade Esportiva Palmeiras**. O grande amor da minha vida, que carrego no coração e na pele até o fim dos meus dias.

Por fim, ao **desejo**.

*"Quem tem olhos para ver e ouvidos para ouvir
fica convencido de que os mortais
não conseguem guardar nenhum segredo.
Aqueles cujos lábios calam
denunciam-se com as pontas dos dedos;
a denúncia lhes sai por todos os poros."
Sigmund Freud.*

RESUMO

Tendo em vista a ausência de atletas masculinos homossexuais assumidos no futebol, pesquisa-se sobre a homofobia no futebol masculino, a fim de conhecer e analisar, a partir da literatura psicanalítica, os motivos e as implicações para que o atleta masculino, jogador de futebol, não assuma o próprio desejo quando seu objeto de investimento libidinal é alguém do mesmo sexo. Para tanto, é necessário analisar a homofobia e o contexto histórico no futebol, a psicanálise e sua relação com o desejo e a identificação projetiva. Realiza-se então, uma pesquisa exploratória qualitativa, onde foram analisados 20 livros temáticos, 2 dissertações de mestrado, 1 tese de doutorado e 3 artigos sendo esses publicados entre 1995-2016 indexados nas bases de dados SCIEPUB, SCIELO, Biblioteca Digital da USP, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Google Acadêmico. Diante disso, conclui-se que alguns motivos para o atleta masculino não assumir o desejo homossexual nesse contexto é de que o mundo do futebol é pautado na virilidade triunfante, o sujeito pode não dar conta de reconhecer o próprio desejo e acaba reprimindo-o e o jogador de futebol é uma imagem projetada da própria torcida.

Palavras-chave: Homofobia; Homofobia no futebol; Psicanálise e Desejo; Identificação Projetiva; Projeção; Torcida.

ABSTRACT

Given the absence of gay male athletes in soccer, homophobia in male soccer is researched in order to know and analyze, from the psychoanalytic literature, the reasons and implications for the male athlete, soccer player, do not assume your own desire when your object of libidinal investment is someone of the same sex. Therefore, it is necessary to analyze homophobia and the historical context in football, psychoanalysis and its relationship with desire and projective identification. Then, a qualitative exploratory research was carried out, where 20 thematic books, 2 master's dissertations, 1 doctoral thesis and 3 articles were analyzed, published between 1995-2016 indexed in the databases SCIEPUB, SCIELO, USP Digital Library, Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations and Academic Google. Therefore, it is concluded that some reasons for the male athlete not to assume the homosexual desire in this context is that the world of football is based on triumphant virility, the subject may not be able to recognize his own desire and ends up repressing it and the football player is a projected image of his own fans

Keywords: Homophobia; Homophobia in football; Psychoanalysis and Desire; Projective Identification; Projection; Twisted.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVO	11
3. CONTEXTO TEÓRICO	12
3.1 A Homofobia e o Contexto Histórico no Futebol	12
3.2 A Psicanálise, o Desejo e a Identificação Projetiva.....	15
4. METODOLOGIA	26
4.1 Aspectos Éticos	27
4.2 Tipo de Estudo	27
4.3 Coleta de Dados	27
4.4 Resultado	28
5. ANÁLISE	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS	41
Anexo A – Carta aberta anônima: Jogador de futebol da Premiere League	41

1. INTRODUÇÃO

Durante a leitura do livro "BICHA! Homofobia Estrutural no Futebol", do escritor e jornalista João Abel, diversas questões foram incitadas. A maior delas corresponde ao cenário da homofobia no esporte mais popular do mundo: o futebol.

Em 1990 na Inglaterra, Justin Fashanu assumiu a sua homossexualidade ao jornal *The Sun*, tornando-se o primeiro e único caso de um jogador de futebol britânico que se assumiu publicamente. A partir dessa leitura, foi pensado em desenvolver um estudo sobre a homofobia no futebol masculino na contemporaneidade.

Segundo a Federação Internacional de Futebol (2007), em uma pesquisa chamada "*Big Count 2006*", 270 milhões de pessoas, ou 4% da população mundial, são participantes ativamente do futebol. Sendo que entre essas, é estimado que existam cerca de 265 milhões de jogadores de futebol no mundo. Isso mostra o quanto o futebol é o esporte mais popular do mundo e que arrebatava a cada dia mais pessoas. Alguns motivos que ajudaram nessa popularização é o fato de sua prática ocorrer em diversos espaços e com apenas uma bola (de qualquer material). Além disso, não existem regras em relação ao biotipo de seus participantes. O futebol é para todos porque é de todos. Ou deveria ser.

Diante do número crescente de LGBTQI+ s a cada ano, o número de casos de homossexuais assumidos praticantes dessa modalidade esportiva, o futebol, não chega a vinte. É questionável que um esporte tão popular no mundo inteiro ainda tenha tão poucos jogadores declarados homossexuais masculinos em sua prática, não?

O universo do futebol é heteronormativo e está preso ao conceito da virilidade. Assim, qualquer manifestação de homossexualidade ou de imagem efeminada parece não caber em sua identidade. Nessa perspectiva, diante da grande ausência de atletas masculinos homossexuais assumidos, é notória a importância de conhecer quais são os motivos e as implicações que impedem o jogador de futebol profissional assumir o próprio desejo, neste caso o da homossexualidade.

Diante das inquietações desencadeadas pelo livro referenciado, propõe-se neste estudo exploratório, analisar, a partir da perspectiva psicanalítica, a resistência dos jogadores de futebol em (re) conhecer e dar conta de assumir e realizar o próprio desejo, quando seu objeto de investimento libidinal for alguém do mesmo sexo.

2. OBJETIVO

O objetivo desse estudo foi o de conhecer e analisar, a partir da literatura na perspectiva psicanalítica, os motivos e as implicações para o atleta masculino, jogador de futebol, não assumir o próprio desejo quando seu objeto de investimento libidinal é alguém do mesmo sexo. A psicanálise apresenta-se como uma possibilidade de explicar as escolhas e o modo de agir do sujeito, levando em consideração os conteúdos subjacentes às suas ações manifestas.

3. CONTEXTO TEÓRICO

3.1 A Homofobia e o Contexto Histórico no Futebol

O termo homofobia surgiu em 1972 pelo psicólogo americano George Weinberg, através da junção de dois radicais gregos, “*homo*” (semelhante, igual) e “*fobia*” (medo, aversão). Sendo assim, designa um preconceito com as pessoas que se envolvem sexualmente com alguém do mesmo sexo.

Aos poucos esse termo veio sendo interpretado de outras formas, porém ainda nos traz a noção de medicalização dos discursos utilizados na clínica da época em que foi criado. Conseguimos identificar, o que consideramos um problema, a associação de algumas patologias voltadas ao homossexual, a partir do olhar, das atitudes e das emoções manifestadas por pessoas que se mostram contra a homossexualidade, consideradas, portanto, como homofóbicas (JUNQUEIRA, 2012). Ainda sobre o emprego do termo homofobia, Junqueira (2012) aponta que ele é utilizado para fazer alusão a emoções negativas como desprezo, desconforto, medo, entre outras, relacionadas a pessoas homossexuais ou identificadas como. Tais emoções sentidas pelas pessoas homofóbicas, traduzem, de certo modo, o receio delas mesmas sentirem afeto e atração a pessoas do mesmo sexo. E, ainda, o medo de que outras pessoas supostamente achem que elas sentem essa atração e desejo sexual. Sendo assim, ter aversão às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, evitar o contato com pessoas homossexuais e situações que são associadas a esse universo são traços característicos dos sintomas de homofobia. Essa repulsa a homossexuais pode ser considerada como um ódio generalizado, levando à noção de alguma patologia. A questão que se coloca é: patologia de quem?

Um aspecto a se considerar é que, ao se definir a homofobia como algo patológico, pode, de alguma forma, legitimar as ações homofóbicas, banalizando a violência corriqueira contra os homossexuais. Seria, por assim dizer, uma inversão na qual o autor da violência, neste caso o homofóbico, passaria a ser considerado como vítima diante da sua intolerância. Neste sentido, podemos supor que a diminuição ou isenção da responsabilidade do sujeito homofóbico sobre as suas ações, encoraja o pensamento e a ação de outras pessoas que se assemelham à homofobia.

Desde 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do seu Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais

e em 1990. A Organização Mundial de Saúde (OMS) também a excluiu do Código Internacional de Doenças (CID). Já no Brasil, desde 1985, pelo Conselho Federal de Medicina e 1999 pelo Conselho Federal de Psicologia, a homossexualidade não é mais considerada como uma doença, distúrbio ou perversão (JUNQUEIRA, 2012).

Segundo Antunes (2016), a homossexualidade ainda é alvo de agressões, seja por motivos históricos, morais ou culturais, mesmo ela não sendo mais considerada como uma doença ou um crime em muitos países. A finalidade de tais agressões está relacionada com a visão da homossexualidade ser uma simples escolha do indivíduo. Portanto, haverá um esforço em tentar corrigi-lo por meio da agressão. Caso a correção não seja possível, pode ser considerado praticar até o seu extermínio.

Franklin (1998) caracteriza essa violência contra homossexuais como uma forma de expressão cultural de estereótipos e expectativas sobre qual seria o comportamento “adequado” relacionado ao feminino e ao masculino. Sendo assim, esses ataques a indivíduos que se afastam dos papéis de gênero tradicionais, podem ser considerados como uma forma aprendida socialmente de se controlar esse “desvio”, reforçando assim a dura distinção entre os sexos.

O preconceito e as agressões ainda estão pautados pelas regras sociais dos ambientes em que esses homofóbicos estão inseridos, além das crenças fundamentalistas religiosas e morais. Por não ser mais considerada doença ou um desajuste inerente, o fato de ser uma livre escolha é o que baseia alguns desses pensamentos. Portanto, se sou capaz de escolher tal opção, também sou capaz de renuncia-la.

O tema da homossexualidade é abordado por diversas áreas como a família, o trabalho ou em contextos educacionais, porém no que diz respeito ao contexto desportivo, mais especificamente no futebol, há uma escassez de material. Nesse contexto, o tema é percebido como algo obscuro e que o medo e a intolerância da abordagem acabam dominando (ALFAIA, 2013).

Freitas (2002) diz que o futebol é como uma metáfora de uma masculinidade mediterrânea onde a tônica é quem age com coragem, é ágil e se sobrepõe ao outro(a). Deve-se compreender a masculinidade como um sistema de representações do coletivo, traços, práticas e atitudes historicamente culturais, e não sendo um aspecto que vem antes da personalidade individual ou que é um dado biológico. Assim, o jogo de futebol vai muito além da sua prática efetiva nos 90 minutos, mas é visto como uma forma de expressão simbólica, propiciando um espaço de interação

entre pessoas prevalentemente do sexo masculino, sendo um lugar apropriado para a homosociabilidade.

Portanto, todos aqueles que se revoltam contra a “virilidade triunfante” e feminilidade, no geral são excluídos desse espaço. Desse modo, o futebol não se enquadra apenas no esporte, mas sustenta e organiza as relações sociais, agrupa as condutas masculinas e instaura pautas de conversação, delineando regras de sociabilidade e fidelidade entre os homens (FREITAS, 2002).

De acordo com Freitas (2002), uma forma de ilustrar a observação anterior é analisar os sites dedicados aos times de futebol, administrados pelas torcidas organizadas. Nesses sites, há espaços para se deixar mensagens e nelas podemos perceber a aversão, agressividade e violência em relação aos times considerados como rivais. Essas mensagens quase sempre vêm acompanhadas de adjetivos como “maria”, “viado” e “bicha”. Ou seja, a feminização e o apassivamento do outro. É frequente nas manifestações coletivas, como nos xingamentos, os torcedores de um time elevarem a sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma falta de virilidade, passividade e até mesmo de uma feminilização dos adversários (SOUZA, 1996).

Freitas (2002) ainda reforça que:

Esta atribuição de aspectos ligados ao feminino à torcida adversária é clara e nos permite fazer a seguinte interpretação: o “nosso” grupo é mais “macho” que o grupo do “outro” caso o “nosso” time tenha vencido. Neste sistema simbólico a cooperação entre iguais é questão de honra, bem como a repulsa pelo “diferente” - explicitamente ligado à mulher e ao feminino em geral. (p. 2).

Apesar dessas manifestações ainda ocorrerem, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva do Brasil anunciou que puniria os clubes brasileiros com o pagamento de multas e até mesmo com a perda de pontos em campeonatos, caso as torcidas protagonizem manifestações homofóbicas nas arquibancadas (ABEL, 2018).

O debate sobre a homofobia e a participação de grupos LGBTs dentro e fora dos gramados está cada vez mais claro, mesmo os veículos de imprensa não abordando o assunto (ABEL, 2018). Quase 31 anos após o caso de Justin Fashanu, poucos ainda sabem sobre a sua história.

Justin Fashanu, foi um jogador que atuou como atacante em um time Inglês e assumiu a sua homossexualidade em 1990. Mesmo hoje, ainda é o único caso no futebol de primeira divisão. Desde o momento em que se assumiu, ele viveu um

inferno devido à intolerância por parte de alguns colegas de profissão, adeptos e até mesmo de familiares (ALFAIA, 2013).

Além da homofobia no contexto esportivo e social, Justin Fashanu também sofreu com uma infância conturbada, abandono familiar e até mesmo o racismo. Diante de todas essas condições, não é surpreendente que a história do primeiro jogador a atravessar a barreira da homossexualidade no futebol profissional teve seu fim de uma forma tão trágica. Em 1998, Justin Fashanu pôs fim à sua própria vida (ABEL, 2018).

Fashanu foi o primeiro homem a nos mostrar quais são as implicações de se quebrar esse tabu dentro do campo. Mesmo mais de duas décadas após sua morte, foram poucos os atletas que tiveram a coragem de cruzar essa linha (ABEL, 2018). O autor completa dizendo que, ao todo, não chegam a 20 os casos relatados pela imprensa do Brasil e do exterior, de atletas homens que assumiram sua orientação sexual. Os que o fazem geralmente esperam a aposentadoria.

3.2 A Psicanálise, o Desejo e a Identificação Projetiva

Sigmund Freud nasceu em 1856, e em 1881 graduou-se em Medicina na Universidade de Viena. Em 1885 ele conquistou uma bolsa de estudo em Paris, no Hospital Salpêtrière onde estudou com o conceituado médico e pesquisador francês, Charcot. Durante esses estudos, Freud analisou as manifestações histéricas e os efeitos da hipnose e da sugestão, concluindo que os sintomas apresentados por suas pacientes eram físicos de origem psicológica (SANTOS, 2014).

Porém o que Charcot não imaginava era que desses relatos surgissem regularmente histórias nas quais o componente sexual ocupasse um papel predominante. Estava selada a aliança entre a histeria e a sexualidade; essa que foi negada por Charcot e que se tornou o ponto de partida e a figura central da investigação para Freud (GARCIA-ROZA, 2009).

Ao retornar a Viena, Freud mostrou os resultados das suas observações sobre a histeria em conferência, porém foi ridicularizado e rejeitado pela associação médica. Nessa mesma conferência ele acabou conhecendo o médico e cientista Dr. Josef Breuer, que aplicava o método catártico. Breuer denominou esse método como o tratamento que é realizado sob efeito de hipnose no qual o indivíduo consegue liberar os afetos e emoções associados aos acontecimentos traumáticos que não foram

manifestos na ocasião da vivência desagradável ou dolorosa, possibilitando assim, à extinção dos sintomas. Freud então, guiou-se à probabilidade de que as experiências emocionais e vivências da história de um sujeito podem interferir no organismo, chamando assim de traumas psíquicos (Freud, 1996 [1925-1926]).

Garcia-Roza (2009) ressaltava ainda que Freud insere uma inovação a técnica realizada por Breuer. Ele passou a empregar a sugestão como meio terapêutico e não utilizou mais a postura passiva diante dos fatos narrados pela sua paciente, no qual buscava não a influenciar em nada, mas apenas esperar que ela própria alcançasse às suas retenções e produzisse ab-reação (liberação de sentimentos reprimidos). Sendo assim, o método hipnótico ainda era utilizado para se chegar aos eventos traumáticos, como fazia Breuer, porém, quando esses fatos eram reconhecidos, Freud utilizava da sugestão para eliminá-los ou pelo menos para enfraquece-los em sua força patogênica.

Posteriormente, Freud acabou abandonando a prática da sugestão e técnica da hipnose. Vários sinais sugeriam a existência de algo que era impedido pelo próprio método empregado. Sendo assim, o procedimento hipnótico era, de forma desconhecida, o maior obstáculo ao fenômeno que seria convertido em um dos principais fundamentos da teoria psicanalítica: a defesa (que mais tarde foi chamada de recalque). Ao abandonar a hipnose, Freud pede para que seus pacientes recordem sobre o fato traumático no qual poderia ter resultado nos sintomas, porém ele percebe que mesmo com a sua insistência e com o empenho dos pacientes, esbarravam em uma resistência destes a que as ideias patogênicas se tornassem conscientes. Ao analisar os casos que já possuía, ele então concluiu que todas essas ideias eram angustiadoras, capazes de despertar emoções de vergonha, autocensura e até dor psíquica. Sendo assim, a defesa aparece como uma forma de censura por ordem do ego do indivíduo à ideia ameaçadora, pressionando-a a se manter fora da consciência; e a resistência era o sinal manifesto dessa defesa. Freud chamou de conversão, o mecanismo que transforma em sintomas somáticos a carga de afeto ligada a essa ideia ou ao conjunto de ideias (GARCIA-ROZA, 2009).

Os estudos sobre a histeria possibilitaram a descoberta da técnica da associação livre. Ao permitir que os seus pacientes fizessem a associação livremente, ele constatou que as lembranças esquecidas do doente não haviam se perdido, e permaneciam em seu domínio prontas a reaparecer em associações com os fatos ainda recordados por este. Além disso, também observou que existia uma força que

as mantinha, obrigando-as a se manter inconscientes. Essa força ele chamou de resistência e, o processo psíquico que visa sustentar, ocultar da consciência uma ideia ou representação dolorosa que se encontra na origem do sintoma, chamou-o de repressão.

A psicanálise é um termo usado para se referir a uma teoria que se baseia sobretudo no método de associações livres do sujeito. Através dessas associações é feita a interpretação psicanalítica que pode expandir a produções humanas que não possuem associações livres. É também um método psicoterápico que busca a investigação e o tratamento definido pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. A criação desse termo legitimou o abandono do método da catarse sob hipnose e sugestão, e considerou apenas a associação livre como a regra principal para se obter o material (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

A psicanálise é o único método que considera o inconsciente e a sexualidade como os dois maiores pilares da subjetividade humana. No contexto clínico, essa teoria também é a única que considera a transferência como parte dessa mesma universalidade, propondo que ela seja analisada no próprio meio do tratamento como modelo de qualquer relação de poder entre o terapeuta e o paciente, segundo afirmação de Roudinesco e Plon (1998).

Bock, Furtado e Teixeira (1999) dizem que Freud transformou radicalmente a forma de pensar sobre a vida psíquica. Ele de forma ousada, considerou como problemas científicos os “processos incompreensíveis” do psiquismo, suas “regiões obscuras”, ou seja, as fantasias, os sonhos, os esquecimentos e a interioridade do homem. A sistematização da investigação desses problemas, o levou à criação da Psicanálise.

Hoje em dia a Psicanálise também nos ajuda a analisar e compreender os fenômenos sociais relevantes, como por exemplo, as novas maneiras de sofrimento psíquico, a demasia de individualismo no mundo contemporâneo, o agravamento da violência, entre outros fenômenos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Foi no livro “A interpretação dos Sonhos” que Freud (1996 [1900]) trouxe pela primeira vez o conceito de desejo, ideia na qual todo sonho é uma realização de um desejo inconsciente. Freud então emprega a ideia de paixão ou pendor, que elucida o que ele acaba chamando de princípio de prazer, ou seja, é uma prática que pende a evitar qualquer forma de desprazer. Para ele, antes de qualquer coisa, o desejo é inconsciente. Algumas vezes ele tende a se consumir e outras vezes a se realizar.

Por isso que se une sem hesitação à concepção do sonho, do inconsciente, do recalque e da fantasia. Assim se firma a definição invariável de que o desejo é o desejo inconsciente e realização de desejo. Melhor dizendo, é no sonho que consiste a definição freudiana de desejo: o sonho é a concretização de um desejo recalcado e a fantasia é a satisfação alucinatória do desejo em si. Freud não reconhece o desejo como a necessidade (que é biológica). A necessidade se satisfaz através de objetos adequados, como por exemplo o alimento, já o desejo está ligado aos traços mnêmicos, as lembranças. Esses desejos são realizados através da reprodução de forma inconsciente e alucinatória das percepções que se transformam em “signos” da satisfação. O desejo tem como motivo a sexualidade, logo, esses “signos” são sempre de caráter sexual (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Laplanche e Pontalis (2001) dizem que a procura do objeto no real é completamente voltada por esta ligação com signos. E a fantasia é o correlato do desejo que compõe a articulação destes signos. Logo o desejo inconsciente está inteiramente ligado a signos infantis indestrutíveis.

Para Roudinesco e Plon (1998), o inconsciente é um lugar oculto para a consciência, mas que se apresenta a ela através dos sonhos, dos lapsos, jogos de palavras, atos falhos, entre outros. É como um “lugar psíquico” próprio que deve ser compreendido não como uma segunda consciência, mas como um sistema no qual possui ideias, mecanismos e até mesmo uma “energia” exclusiva (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Ainda segundo Laplanche e Pontalis (2001), a consciência tem a função de um sistema no qual adquire simultaneamente as informações do mundo exterior e as procedentes do interior, ou seja, ficam registradas qualitativamente de acordo com o prazer ou o desprazer por elas causado e as revivescências mnésicas. Porém, esses registros ficam arquivados no inconsciente. Quase sempre o consciente está em oposição de conteúdo com o inconsciente, gerando assim os conflitos entre os interesses desses dois sistemas. Estes conflitos são manifestados através de sintomas, que são expressões da pulsão freudiana existentes no inconsciente.

Existem forças que impulsionam a vida mental, estas operam de permeio entre o físico e o psíquico. Essas forças também chamadas de pulsões, refletem as necessidades orgânicas do ser humano e de seu psiquismo, sendo elas, a fome, sexo, curiosidade, entre outras. Dessas pulsões sabemos pouco, porém elas se representam na vida mental através de uma espécie de corpo diplomático – os

representantes psíquicos da pulsão – e que influencia a psique a satisfazê-las (HERRMANN, 1999).

Roudinesco e Plon (1998) ressaltam que a pulsão é um dos conceitos da delimitação entre o psíquico e o somático. A soma das pulsões parciais de caráter sexual constitui a base da sexualidade infantil. Tais pulsões, num primeiro momento, são definidas por um processo de ajuda em outras atividades somáticas, relacionadas a certas zonas do corpo, no qual são chamadas de zonas erógenas. Os lábios do bebê passam a ser uma zona erógena, origem de uma pulsão parcial, na medida que o sugar é uma fonte de prazer e resulta na satisfação da necessidade de nutrição. Posteriormente essa pulsão parcial, se torna autoerótica, pois separa-se de seu objeto de apoio para se tornar independente. Freud inaugurou o dualismo pulsional, conceituando as pulsões de vida, sendo elas as pulsões sexuais e as de autoconservação, e a pulsão de morte, autodestrutiva ou que é manifestada para o exterior como pulsão agressiva ou destrutiva.

Ainda sobre as pulsões ou impulsos, Herrmann (1999) salienta que algumas não se podem realizar, nem são representados de forma consciente, devido à ameaça ao equilíbrio da vida mental, causando assim o desprazer. Porém, como a mente busca o prazer, a ideia que os simboliza é recalcada. Nesse caso, o afeto aparece de forma disfarçada manifestando-se em outra ideia. O inconsciente, desse modo, é o espaço teórico das representações que são recalcadas ou das que nunca puderam emergir à luz da consciência, das pulsões sem representação consciente.

Com o surgimento da teoria freudiana, foi apresentada a concepção de que a sexualidade tem um período demorado de desenvolvimento até chegar à vida adulta, ela é iniciada a partir do instante do nascimento, e é manifestada por pulsões sexuais nas quais são chamadas de libido, as quais estão presentes nas distintas fases do desenvolvimento da personalidade humana (FREUD, 1968).

Bock, Furtado e Teixeira (1999), conta que no processo de desenvolvimento psicosexual, nos primeiros anos de vida o sujeito encontra o prazer no próprio corpo. As excitações sexuais são encontradas nas próprias partes do corpo, ou seja, nas zonas erógenas, nas quais são conceituadas como: Fase Oral (a zona da erotização é a boca), Fase Anal (a zona da erotização é o ânus), Fase Fálica (a zona da erotização é o órgão sexual), Período de Latência (é a fase de intervalo até a puberdade, onde há uma diminuição das atividades sexuais) e por fim, a Fase Genital (onde o objeto de desejo não está mais no próprio corpo, mas sim no outro).

Ao longo dessas fases, acontecem vários processos e incidentes. Um evento que se destaca nesse percurso é o complexo de Édipo, onde acontece a estruturação da vida psíquica do indivíduo. Ela geralmente ocorre entre o terceiro e quinto ano de vida da criança e está inserida na fase fálica. Nesse período a criança conhece desejos amorosos em relação ao genitor do sexo oposto ou figura que representa esse papel, não obrigatoriamente as biológicas, e sentimentos hostis acompanhados por uma rivalidade em relação ao genitor do mesmo sexo. Futuramente, a criança passa a se identificar com o genitor do mesmo sexo, abrindo mão assim dos desejos amorosos e inserindo-se no mundo social e cultural (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Em 1920, Freud modifica a teoria do aparelho psíquico fugindo da concepção anterior (inconsciente, pré-consciente e consciente) com a intenção de compreender melhor os fenômenos escapavam do modelo primeiro (Freud, 2006 [1920-1922]). Introduz os conceitos dos três sistemas de personalidade: o id, ego e superego. O id é o reservatório da energia psíquica, é nele que estão situadas as pulsões de vida e de morte. Ele se orienta unicamente pelo Princípio do Prazer e seus esforços são guiados para que os seus desejos sejam realizados de forma imediata, porém isso é algo enganoso e impossível fora do inconsciente. (Freud, 2007 [1923-1925]). O id possui as mesmas características que o sistema inconsciente da primeira teoria, alterando assim, apenas a sua designação (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999)

Já o ego é o sistema que constitui o equilíbrio entre as condições impostas do id, as exigências da realidade e as normas do superego. É comandado pelo princípio da realidade e do prazer que controla assim o funcionamento psíquico. Foi desenvolvido através do id devido à necessidade de adaptação ao mundo e conseqüentemente é dele que tira suas forças (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

O superego é o sistema da personalidade que provém do complexo de Édipo, com base nas internalizações dos impedimentos, dos limites e da autoridade dos pais nessa fase. A moral e os princípios são papéis do superego e são adquiridos por meio da sociedade, cultura e família. Com o passar do tempo, a autoridade externa é internalizada pelo sujeito, e ele passa a “ouvir” a proibição dentro dele próprio, assim, a ação não é mais importante apenas o pensamento já vem carregado do sentimento de culpa. Porém, não há como esconder de si o desejo pelo proibido e isso instaura a angústia no indivíduo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Sobre o aparelho psíquico e a formação do desejo, Freud (1900) diz no texto “A interpretação dos sonhos”:

[...] Sob a forma das grandes necessidades físicas as exigências da vida se apresentaram primeiramente a ele. A excitação trazida pela necessidade interior buscou desafogo na motilidade, que podemos designar como “modificação interna” ou “expressão de emoção”. A criança faminta grita ou se agita desamparada. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação que parte de uma necessidade interna não corresponde a uma força que impele momentaneamente, mas que age de forma contínua. Uma mudança só pode ocorrer quando, de algum modo, por meio de uma ajuda vinda de fora, a criança tem a vivência da satisfação, que anula o estímulo interior. Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo [...]. (p.665)

O desejo se dá no campo da ideia tendo como relacionado as fantasias, que faz com que, ao contrário à pulsão, que precisa ser satisfeita, o desejo tem que ser realizado. Mesmo com o impedimento da censura, os desejos que são originários do inconsciente, apresentam-se continuamente à disposição para uma expressão consciente. No entanto, a censura pode ser enganada na medida em que o desejo inconsciente desloque sua energia para um impulso do consciente do qual o conteúdo ideativo atue apenas como indicativo do desejo primário (GARCIA-ROZA, 2009).

Neste sentido, Garcia-Roza (2009) ainda diz que algo muito importante a se conseguir em relação à realização de um desejo inconsciente e recalçado, é que ele produz prazer, mas também produz ansiedade ao ego do indivíduo, visto que é ele quem deseja, repudia e censura seus desejos. Desse modo, os sonhos inóspitos são também realizações de desejos. Seu cunho desagradável vem da ocorrência de que seu conteúdo escapou do processo da censura, revelando um desejo inconsciente, que por ser inadmissível para a consciência, produz ansiedade. Freud fala também sobre os sonhos de punição que apesar de serem desagradáveis, também são realizações de desejo, no qual nesse caso, o desejo do sonhador é o de se punir por ter um desejo proibido. O superego é o sistema que faz o policiamento do desejo, considerando a oposição entre o ego e o reprimido.

Jacques Lacan foi um comentador da obra de Freud, propondo uma releitura a suas ideias, conforme encontrado em Garcia-Roza (2009). Segundo Lacan, no centro

do discurso está o desejo. Um desejo desnaturalizado e projetado na ordem simbólica e não apenas como satisfação de uma necessidade. Tal desejo, só pode ser considerado na sua relação com o desejo do outro e aquilo para o qual ele dirige-se não é o objeto empiricamente tido, mas uma falta. O desejo então desliza de objeto em objeto, em um ciclo eterno no qual a satisfação é sempre postergada e nunca atingida. A diferença fundamental entre o conceito de desejo de Freud e Lacan é que na teoria freudiana, o desejo está no inconsciente. Para Lacan, a diferença entre necessidade e desejo é que na necessidade, a tensão é de ordem física, biológica e que alcança a sua satisfação através de uma ação em relação a um objeto específico, que acaba por permitir a redução dessa tensão; enquanto no desejo, não implica uma relação com um objeto real, mas sim com um fantasma (fantasia). A necessidade busca a satisfação; o desejo jamais é satisfeito, através dos objetos ele pode realizar-se, porém nunca se satisfaz no mesmo (GARCIA-ROZA, 2009).

Garcia-Roza (2009) aponta que Freud nos concede o modelo de constituição do desejo baseado na experiência de satisfação. Para ele, o que caracteriza o desejo, é o impulso para repetir de forma alucinatória uma satisfação original, ou seja, um retorno a algo que não é mais, a um objeto que foi perdido do qual sua presença é marcada pela falta. Sendo assim, podemos dizer que o desejo é uma nostalgia do objeto que foi perdido. O objeto de desejo não é uma coisa concreta que se apresenta ao sujeito, mas é de ordem simbólica. Cada objeto atua como um significante para um significado onde o desejo vai deslizando numa sequência infundável, ao ser atingido, esse desejo transforma-se em um novo significante e assim continuamente, numa procura que nunca irá acabar, pois o objeto último a ser encontrado é um objeto perdido para sempre. Após toda satisfação alcançada, uma insatisfação é instaurada fortalecendo assim, o deslizamento do desejo na rede sem fim de significantes.

A releitura de Lacan trouxe outras perspectivas aos históricos clínicos de Freud. Ele conferiu uma importância aos desejos e aos discursos dos pais e educadores que constituem diretamente na formação do psiquismo da criança. Além disso, a linguagem também é algo muito valorizado por Lacan, pois segundo ele, o inconsciente se estrutura como uma linguagem (ZIMERMAN, 2004).

Ainda para Zimmerman (2004), no processo de desmame (seja no físico e/ou no afetivo), o distanciamento físico da mãe é interpretado pela criança como sendo uma “falta” ou até mesmo “falha” da mãe. Então o futuro adulto, vai buscar essa coisa que lhe “falta” em algum resquício da mãe ou no deslocamento do pai, esse algo pode ser

uma característica física, um cheiro, um olhar, algum significante que através de uma cadeia de significações, causa uma evocação que acaba revivendo a necessidade de uma compensação alucinatória do desejo. Portanto, o objeto que se tem como “amado”, funciona como a causa do desejo, e não como o objeto do desejo.

O objeto então é considerado como a causa, sendo o “possuidor” do atributo ou do aspecto que incita o desejo do sujeito. Porém, em um certo momento a causa é inesperadamente retirada do objeto, e então ele é abandonado. O desejo é de fato desejo de Outra coisa. O desejo humano não possui objeto. Quando se consegue o que quer, não pode mais querê-lo, porque já o têm. Logo o desejo acaba desaparecendo ao alcançar o seu objeto. A satisfação se encarrega de matar o desejo. Sendo assim, o desejo não está atrás da satisfação, busca simplesmente continuar desejando. Essa causa do desejo é chamada de objeto a que pode assumir muitas formas (desde características físicas a comportamentos). Independente de qual é a essa forma, ela é específica e não é fácil colocar algo em seu lugar. O desejo se fixa nessa causa e somente nela (FINK, 2018).

Segundo Fink (2018), Lacan também dizia que o nosso desejo é ser desejado pelo Outro e não só isso, além de quereremos ser o objeto mais importante do desejo do Outro, também passamos a desejar como o Outro, ou seja, consideramos os desejos do Outro como nossos. O que consideramos como pessoal e íntimo, descobre-se que vem de origem externa, no qual não é qualquer uma, vem propriamente de nossos pais.

Sobre a Identificação Projetiva, Roudinesco e Plon (1998) definem “identificação” como um termo utilizado na psicanálise para denominar o principal processo pelo qual o sujeito se organiza e se transforma, captando ou se apropriando em fases da sua evolução, dos aspectos, características ou traços dos seres humanos que o rodeiam.

A princípio Freud fala sobre três tipos de identificação. O primeiro tipo de identificação desempenha um papel na pré-história do Completo de Édipo. É o vínculo de afeto mais antigo, ou seja, com o pai primitivo (ROUDINESCO E PLON, 1998). A identificação se empenha em esculpir o próprio Eu à semelhança daquele considerado como “modelo” (FREUD, 2011 [1920-1923]).

Já a identificação regressiva é o mecanismo da formação neurótica de sintomas. Sobre essa identificação, Freud (2011 [1920-1923]) diz que:

[...] nas circunstâncias da formação de sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto. É digno de nota que nessas identificações o Eu às vezes copie a pessoa não amada, outras vezes a amada. Também nos chama a atenção que nos dois casos a identificação seja parcial, altamente limitada, tomando apenas um traço da pessoa-objeto (p. 48).

Também há um terceiro caso de formação de sintomas, porém nesse a identificação rejeita a relação objetal com a pessoa copiada. O mecanismo desenvolvido nessa identificação é baseado em querer ou conseguir colocar-se na mesma situação. A identificação através do sintoma se torna a amostra de um local de coincidência dos dois Eus, que deve se manter reprimido (FREUD, 2011 [1920-1923]).

Freud (2011 [1920-1923]) sintetiza essas três fontes de identificação da seguinte maneira:

primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidinosa, como que através da introjeção do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação (p.49).

Ainda segundo Freud (2011 [1920-1923]), há também a identificação na qual o elo recíproco dos indivíduos da massa é por meio de alguma coisa afetiva importante em comum, e podemos supor que esse algo esteja no tipo de ligação com o líder.

Já em “Luto e melancolia” Freud (1917 [1915]) vai elucidar a identificação como uma resposta à perda do objeto. A identificação com o objeto abandonado ou perdido, como substituição para o mesmo, a introjeção desse objeto no Eu (FREUD, 2011 [1920-1923]).

Klein (1991 [1946-1963]) comenta que a relação com o primeiro objeto exige sua introjeção e projeção, portanto desde o princípio as relações de objeto são ajustadas pela interação desses dois conceitos, e entre objetos e eventos internos e externos. Freud descreve que a projeção, forma-se da deflexão da pulsão de morte para o mundo exterior e ajuda o ego livrar-se do perigo e de coisas más que causam a ansiedade. A introjeção do objeto bom também é utilizada pelo ego para se defender contra a ansiedade.

Incorporando os conceitos de projeção, introjeção e identificação, “identificação projetiva” foi o termo utilizado para designar esses processos. Quando a projeção é vinda do impulso do bebê de estragar ou controlar a mãe, ele a entende como um perseguidor. A respeito do ego, a exagerada excisão e a excessiva expulsão de fragmentos seus para o mundo externo podem enfraquecer o ego. Visto que o componente agressivo dos sentimentos e da personalidade está associado na mente com potência, força, conhecimento entre outras qualidades almejadas (KLEIN, 1991 [1946-1963]).

Importante lembrar que as partes boas do self também são expelidas e projetadas. Junto com os excrementos, quando projetadas para dentro de outras pessoas, as partes do ego são consideradas como partes amorosas do self. A identificação apoiada nesse tipo de projeção, atua de forma vital as relações de objeto. Logo, a projeção de sentimentos bons e de partes boas do self para dentro da mãe é de extrema importância para que o bebê consiga desenvolver boas relações de objeto e consiga integrar o seu ego. É de importância vital para o desenvolvimento normal que os processos de expulsões de elementos do self e a sua projeção para dentro de outros objetos ocorram (KLEIN, 1991 [1946-1963]).

Melanie Klein denominou de “posições” as formas de organização das defesas, sendo elas a posição esquizo-paranóide e a depressiva. A primeira forma é a esquizo-paranóide na qual o bom e o mau estão separados. Segundo ela, no instante do nascimento o bebê tem ego suficiente para experienciar a ansiedade e utilizar alguns mecanismos de defesa contra ela. Em situações de ansiedade o ego acaba sendo fragmentado devido a sua fragilidade, isso é consequência da ação da pulsão de morte que junto com a frustração que leva à raiva, provocam o temor do aniquilamento. O pavor da desintegração sendo assim, vem tanto da pulsão de morte como da raiva que se desenvolveu na frustração e que em seguida, foi projetada no seio. A cisão entre o bom e o mau e a defesa do ego primitivo no qual os temores da criança pequena assume a figura de fantasia de perseguição. Nas defesas e fantasias, o mundo é subdividido em objetos bons e maus. O bom é introjetado e idealizado e o mau é aviltado. Sentimentos que originam-se da frustração e ansiedade são projetados em algo ou em alguém: o objeto mau (CLARKE, 2002).

Clarke (2002) ainda pontua que a posição esquizo-paranóide é uma defesa natural contra a ansiedade que segura o ego primitivo e possibilita a passagem para a posição depressiva. A tendência para separar o objeto diminui de acordo com o

enfraquecimento do temor ao objeto mau. Diante disso, o bom e o mau passam a ser compreendidos como objetos totais:

"Sua relação com o mundo externo, com as pessoas e com as coisas cresce. O alcance de sua gratificação e de seus interesses se amplia, e seu poder de expressar as emoções e comunicar-se com as pessoas aumenta." (KLEIN, 1952, p. 72).

Essa experiência leva o nome de posição depressiva. A identificação projetiva é sintomática da posição esquizo-paranóide dos processos de cisão e fantasia. Conforme o bebê transita na direção da posição depressiva, a ênfase modifica-se de projeção para a introjeção, em razão do temor de se perder o objeto bom amado (CLARKE, 2002).

A projeção é um mecanismo no qual impulsos, sentimentos e partes não aceitáveis do self são afastados e depositados sobre os outros. Ou seja, projetamos no mundo externo, as experiências e qualidades que fazem parte de nós mesmos, presumindo que fazem parte de outra pessoa ou coisa. Entretanto, a noção de identificação projetiva para Klein diferencia-se enormemente desse conceito. Na projeção atribuímos nossos próprios estados afetivos a outras pessoas. Como por exemplo, se nos sentirmos desanimados podemos considerar os outros como "coitados" ou culpados por nossos próprios erros. Essa projeção pode não ser nociva, visto que o recipiente dos conteúdos projetados é capaz de não entrar em contato com eles. Ao contrário do que acontece na identificação projetiva, onde os conteúdos são forçados para dentro da outra pessoa, o recipiente (CLARKE, 2002).

Clarke (2002) ainda pontua que segundo Klein, a introjeção e reintrojeção do objeto mau está no íntimo da paranoia. Visto que há um temor de ser detido em outro corpo (ou cultura) ou o pavor de um outro objeto (ou cultura) impor-se dentro de nosso self. A consequência disso é que, ao utilizar-se a identificação projetiva como forma para expulsar nossos "pequenos maus pedaços" para dentro de outras pessoas, experimentamos o medo de sermos tomado por esses outros, tanto de maneira interna, onde o outro é o objeto de nossas fantasias, quanto de maneira externa, onde o outro é objeto de nossas projeções. Esse processo, portanto, sustenta o ciclo de perseguição.

4. METODOLOGIA

4.1 Aspectos Éticos

Foram obedecidas as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT para a escrita desse estudo, citação dos autores e referência bibliográfica. Sendo salientado que os dados coletados foram utilizados unicamente com finalidade científica.

4.2 Tipo de Estudo

Realizou-se uma pesquisa exploratória qualitativa acerca da noção de desejo e a identificação projetiva para a psicanálise, além da homofobia masculina no contexto esportivo do futebol e suas relações com a psicanálise. Esse tipo de pesquisa tem o propósito de excitar o domínio do problema apresentado, buscando torna-lo mais compreensível, afim de facilitar a elaboração de hipóteses que possam ser comprovadas futuramente, contribuindo com o aprimoramento das ideias e conceitos. Ainda, utiliza-se de fontes bibliográficas de outros autores para apoiar-se na obtenção de resultados do problema em questão (GIL, 2002).

Sobre a análise de dados qualitativos, conforme mencionado por Godoy (1995), os pesquisadores qualitativos tentam entender os objetos de estudo a partir do ponto de vista dos participantes. Esse tipo de pesquisa considera todas as perspectivas como importantes, iluminando e esclarecendo a potência interna das situações, que é constantemente invisível para observadores externos. Deve-se então, certificar-se a exatidão que o investigador captou as perspectivas dos participantes, considerando aqui a literatura, experimentando-o adjunto aos próprios informantes ou contrapondo a percepção com as constatações de outros pesquisadores.

4.3 Coleta de Dados

Para realizar a coleta de dados foi utilizado os métodos de leitura exploratória, que é uma sondagem rápida buscando localizar algumas informações importantes para a pesquisa. Após, foi feita a leitura seletiva dos textos já selecionados, buscando

a triagem das informações mais importantes relacionadas com o problema de pesquisa (LAKATOS; MARCONI, 2000).

Foi realizado o levantamento do material a partir das bases de dados da SCIEPUB, SCIELO, Biblioteca Digital da USP, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Google Acadêmico. Para chegar aos artigos foram utilizados os seguintes descritores como estratégias de busca: Homofobia; Homofobia no futebol; Psicanálise e Desejo; Identificação Projetiva; Projeção na Psicanálise; Torcida. Também foram usados 20 livros temáticos, sendo alguns deles Obras Completas de Sigmund Freud e Melanie Klein, 2 dicionários de Psicanálise e 1 livro de métodos de pesquisa.

Foram localizadas 25 publicações nas diferentes bases de dados, sendo que dessas nenhuma estava diretamente relacionada aos objetivos estabelecidos neste estudo. Por meio da leitura do resumo e do título, foram sintetizados para 10. Através dos critérios de exclusão, foram escolhidas apenas seis publicações, sendo três artigos, duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado.

O período de levantamento foi:

- Artigos: janeiro de 1995 a dezembro de 2016.

Os critérios de inclusão foram: data de publicação do periódico, artigos, teses e dissertações com título e/ou resumo com referência ao desejo e psicanálise, homofobia, futebol, identificação projetiva.

Em relação aos critérios de exclusão: foram desconsiderados textos que não abordavam especificamente a questão do desejo no contexto psicanalítico, homofobia e o futebol, ou que apresentavam outras visões que não tinham relação direta com o conteúdo proposto pelo trabalho.

A partir dos dados coletados, foi feita a análise proposta, utilizando-se da literatura estudada.

4.4 Resultado

Quadro 1 – Fontes de informação consultadas e conteúdos relevantes

Base/Ano	Tipo de Publicação	Título Original	Autores
SCIEPUB, 2007	Artigo	FIFA Big Count 2006: 270 million people active in football	FIFA
Google Acadêmico, 2002	Artigo	Identificação projetiva: do ataque à empatia?	Clarke, S.
SCIELO, 1995	Artigo	Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.	Godoy, A. S.
Google Acadêmico, 2013	Dissertação de Mestrado	Homofobia no futebol.	Alfaia, A. J. B.
Google Acadêmico, 2014	Dissertação de Mestrado	Desejo e Pulsão nos processos de sublimação.	Santos, A. T.
Martins Fontes, 2001	Dicionário de Psicanálise	Vocabulário da psicanálise.	Laplanche, J.; Pontalis, Jean B.
JZE, 1998	Dicionário de Psicanálise	Dicionário de Psicanálise.	Roudinesco, E.; Plon, M.
Artmed, 2004	Livro	Manual de técnica psicanalítica: uma revisão.	Zimerman, D. E.
Primeiro Lugar, 2019	Livro	Bicha: homofobia estrutural no futebol.	Abel, J.
Saraiva, 1999	Livro	Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia.	Bock, A. M. B.
Zahar, 2009	Livro	FREUD e o inconsciente.	Garcia-Roza, L. A.
Sage Publications, 1998	Livro	Unassuming Motivations: contextualizing the narratives of antigay assailants.	Franklin, K.
Imago, 2006	Livro	Além do princípio do prazer. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. [1920-1922]	Freud, S.
Imago, 2007	Livro	Ego e o ID. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. [1923-1925]	Freud, S.
Imago, 1996	Livro	Um Estudo Autobiográfico. [1925-1926]	Freud, S.
Imago, 1996	Livro	Fragmentos da análise de um caso de histeria. [1905]	Freud, S.
Imago, 1968	Livro	Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.	Freud, S.
Imago, 1996	Livro	A Interpretação dos Sonhos. [1900]	Freud, S.

Companhia das Letras, 2011	Livro	Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. [1920-1923]	Freud, S.
Imago, 1996	Livro	Luto e Melancolia. (1917 [1915])	Freud, S.
Atlas, 2002	Livro	Como elaborar Projetos de Pesquisa.	Gil, A. C.
HePsyché, 1999	Livro	A Psique e o Eu.	Herrmann, F.
Zahar, 2018.	Livro	Introdução clínica à psicanálise lacaniana.	Fink, B.
Imago, 1991	Livro	Notas sobre alguns mecanismos esquizóides.	Klein, M.
Karnac Books, 1952	Livro	Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant.	Klein, M.
Atlas, 2000	Livro	Metodologia Científica	Lakatos, E. M., Marconi, M. de A.
St. Martin's Press, 1972	Livro	Society and the healthy homosexual.	Weinberg, G.
UFRN, 2012	Revista	Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. Revista Bagoas	Junqueira, R. D.
EFDeportes, 2002	Revista	Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. Revista digital – Lecturas: Educación Física y Deportes	Freitas, M.
UNICAMP, 1996	Revista	Gênero e Raça: a nação construída pelo Futebol brasileiro. Cadernos Pagu.	Souza, M. A.
USP, 2016	Tese de Doutorado	Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo.	Antunes, P. P. S.

5. ANÁLISE

Já passou da hora de falarmos sobre a homofobia no futebol masculino e entendermos as ações que ainda reforçam esse tabu mesmo nos dias de hoje. Alfaia (2013) ressalta que no mundo do futebol o tema é percebido como algo obscuro e que o medo e a intolerância acabam predominando.

Após a análise dos dados extraídos nos estudos um dos pontos que podemos destacar, é a violência contra o sujeito homossexual na própria sociedade. Antunes (2016), por exemplo, diz que a homossexualidade ainda é alvo de agressões, seja por motivos históricos, morais ou culturais, mesmo ela não sendo mais considerada uma doença ou um crime em muitos países. A finalidade de tais agressões está relacionada à visão da homossexualidade como simples escolha do indivíduo. Há, neste sentido, um esforço em tentar corrigi-lo por meio da agressão. Caso a correção não seja possível, considera-se o extermínio.

O futebol é um reflexo dessa sociedade que cultua e alimenta a violência, Freitas (2002) diz que o futebol é como uma metáfora de uma masculinidade mediterrânea cuja tônica é: quem age com coragem é ágil e se sobrepõe ao outro(a). Ou seja, uma forma de expressão simbólica de virilidade.

Logo as agressões e os xingamentos nessa modalidade esportiva são utilizados para reforçar estereótipos e expectativas sobre qual seria o comportamento “adequado”, ou seja, são métodos socialmente aprendidos de como coibir esses “desvios” de comportamentos diferentes dos papéis de gêneros tradicionais (Franklin, 1998).

Ainda para Freitas (2002), o jogo de futebol vai muito além da sua prática efetiva nos 90 minutos, mas é visto como uma forma de expressão simbólica, propiciando um espaço de interação entre pessoas prevalentemente do sexo masculino. É um lugar onde os afetos que não são demonstrados no dia a dia, podem ser expressados ali alimentando a homossociabilidade.

Há alguns limites para esse afeto, ele só pode ser exposto por torcedores e jogadores do mesmo time e nesse contexto, visto que essa demonstração em outros ambientes, como já mencionado por Junqueira (2012), pode despertar o receio dessas pessoas sentirem afeto e atração a outras do mesmo sexo ou ainda, o medo de que outras pessoas supostamente achem que elas sentem essa atração e desejo sexual.

Logo alguns atletas dissimulam um comportamento para que consigam se enquadrar nesse universo, visto que como diz Freitas (2002), todos aqueles que se revoltam contra a “virilidade triunfante” são excluídos desse espaço.

Já os torcedores e jogadores dos times considerados como rivais, são sempre associados ao feminino ou há adjetivos que foram incorporados ao mundo homossexual. Xingamentos como “viado” e “bicha” são utilizados no intuito de reforçar o quanto o nosso time é mais “macho” que o outro, elevando assim a sua imagem de masculinidade, em detrimento de uma falta de virilidade, passividade aludindo a feminilização dos adversários (Freitas, 2002).

Assim como já dizia Abel (2018), apesar de condutas como perda de pontos nos campeonatos nacionais e até mesmo pagamento de multas serem utilizadas como formas de punir tais comportamentos homofóbicos das torcidas, falta apoio dos próprios times de futebol e até mesmo dos veículos de imprensa para a conscientização e a propagação do conhecimento de histórias de resistentes como a de Justin Fashanu.

O sujeito pode experienciar sentimentos como culpa, ódio de si mesmo, questionamentos sobre o próprio valor pessoal e sobre os seus problemas pessoais e profissionais decorrerem disso, assim podem realizar atos como o de Justin Fashanu que tirou a própria vida (ABEL, 2018).

Outra ótica, pode ser a resistência de alguns jogadores de futebol em dar conta de assumir e consumir o próprio desejo quando esse objeto de investimento é alguém do mesmo sexo, logo podemos aludir com o conceito freudiano do recalque, visto que algumas ideias são capazes de despertar emoções como culpa e vergonha, autocensura e até dor psíquica. Logo o ego do sujeito confrontado com essas ideias ameaçadoras, forçam-nas a se manterem afastadas da consciência (Garcia-Roza, 2009). Além do mais, há dificuldades em reconhecer, identificar e vivenciar o próprio desejo.

Há uma luta entre o desejo homossexual e as normas impostas pela sociedade, logo podemos relacionar com a luta entre o id e o superego. O id é orientado pelo princípio do prazer e seus esforços são dirigidos para que os desejos do atleta (no caso o homossexual), seja realizado. Enquanto o superego, é rígido pela moral e os princípios obtidos pela sociedade, cultura, família e nesse contexto, especificamente a torcida. Com o passar do tempo, a autoridade externa é internalizada pelo sujeito e ele passa a “ouvir” a proibição dentro dele próprio, portanto, o sentimento de culpa

nem precisa da ação, passa a ser experienciado apenas com o pensamento da realização desse desejo e o sujeito vive a angústia do conflito (Bock; Furtado; Teixeira, 1999).

Assim como pontua Garcia-Roza (2009) ao mesmo tempo que a realização desse desejo pode produzir prazer, também causa ansiedade ao ego do atleta, visto que ele é quem repudia e censura o desejo homossexual.

Se o modelo social imposto é respeitado, valorizado e aprovado, ele se torna fácil e atrativo de se vincular, logo podemos perceber também os casos onde há a atuação do processo de identificação, esse no qual o sujeito se organiza e se transforma, captando ou se apropriando de aspectos e atributos dos seres humanos que o rodeiam (Roudinesco e Plon, 1998). Assim, o atleta se apropria das características devido as causas comuns ou mesmos ideais que são partilhados pelos indivíduos do mesmo grupo (a torcida).

Concomitante a esse conceito, podemos citar também a relação da torcida com o jogador de futebol profissional no qual pode ser acometido pelo conceito de “identificação projetiva” de Melanie Klein (1991 [1946-1963]), visto que em alguns casos são forçados conteúdos dos mesmos para dentro desses jogadores. O torcedor projeta de forma psíquica uma vida imaginária e até mesmo os seus desejos e temores podendo estabelecer uma relação de objeto agressiva.

O jogador de futebol profissional é o receptor dessa projeção e induzido a adotar inconscientemente os valores, comportamentos, ideias de outros como se fossem próprios, ou em outras palavras, a torcida empurra sentimentos e pensamentos para dentro do sujeito na intenção de pautar formas de agir e pensar que sejam apropriadas com as fantasias de suas projeções inconscientes. Logo, o atleta acaba se tornando o recipiente (Clarke, 2002). A projeção é tão forte que a identificação ocorre e passa a fazer parte de sua subjetividade.

Diante disso, o atleta é destruído pela identificação projetiva da torcida. Pode sentir o desejo homossexual como algo ruim ou proibido. Logo sente a vergonha por possuir as qualidades menosprezadas pelo o seu grupo (torcedores), e acaba sentindo também a aversão pelos outros membros por eles possuírem tais características desqualificadas (feminilidade, passividade e falta de virilidade).

Já a torcida vive o processo que Clarke (2002) compreende como ciclo de perseguição, pois na tentativa de expulsar os “pequenos maus pedaços” para dentro de outras pessoas, experimentam o medo de serem tomados por esses outros (no

caso os homossexuais), tanto de maneira interna, onde o outro é o objeto de nossas fantasias, quanto de maneira externa, onde o outro é objeto de nossas projeções.

Abel (2018) salienta que ainda não vemos atletas que foram capazes de ultrapassar a linha da heteronormatividade e assumir a própria sexualidade, e os que fazem é geralmente após a aposentadoria. Talvez as mudanças na sociedade e o chamado “futebol moderno” possam auxiliar na inclusão possibilitando que esses atletas não precisem mais esconder sua sexualidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou o trabalho de pesquisa, constatou-se que haviam dificuldades em compreender, a ausência de jogadores de futebol homossexuais assumidos, e por isso, era importante estudar sobre a homofobia no futebol masculino através de um olhar psicanalítico.

Diante disso, o objetivo deste trabalho foi o de analisar os motivos e as implicações para o atleta masculino, jogador de futebol, não assumir o próprio desejo quando seu objeto de investimento libidinal é alguém do mesmo sexo. Acredito que o objetivo geral foi atendido, pois efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que algumas possíveis razões para essa ausência.

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica. Onde foram utilizados 20 livros temáticos, 3 revistas científicas, 2 dicionários de psicanálise, 1 tese de doutorado, 2 dissertações de mestrado e 3 artigos, localizados nas bases de dados: SCIEPUB, SCIELO, Biblioteca Digital da USP, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Google Acadêmico. Para apoiar o estudo, as teorias usadas serviram adequadamente aos propósitos planejados, tanto historicamente como conceitualmente.

Buscando possíveis respostas para o tema baseado nas minhas hipóteses, situei a homofobia e o contexto histórico no futebol, desde a origem do termo até as características desse comportamento, sendo elas emoções negativas relacionadas a pessoas homossexuais. A homofobia seria, então, o receio de um possível desejo por alguém do mesmo sexo. Mostrou-se também que mesmo com a homossexualidade não sendo mais considerada uma patologia, ainda é alvo de agressões empregadas no intuito de coibir esses comportamentos que são considerados por esses mesmos, como uma escolha, logo fácil de ser renunciada.

O futebol é um ambiente pautado pela virilidade triunfante, onde apenas a homosociabilidade é permitida. Tudo que faz alusão a uma falta de virilidade, feminilidade e passividade é reprimido e excluído. Possível ver essa relação no caso mencionado de Justin Fashanu, único jogador de futebol que se assumiu homossexual, e que após isso, sofreu intolerância de colegas de profissão, adeptos e familiares. Consequência disso, foi que o jogador pôs fim a sua própria

vida. Mesmo após duas décadas, não chegam a 20 casos, jogadores que foram capazes de se assumir nesse ambiente esportivo.

Para introduzir a visão da psicanálise, abordei inicialmente a trajetória do pai da psicanálise, Freud. Após decidir largar a hipnose, substituindo-a pelo método das associações livres, descobriu um instrumento capaz de atingir e explorar o inconsciente, desenvolvendo assim, a teoria psicanalítica. Alguns conceitos da teoria e que foram abordados nesse capítulo de forma sucinta foram, o inconsciente e a consciência, as pulsões de vida e morte, o processo de desenvolvimento psicosssexual, complexo de Édipo e posteriormente reformulou o seu conceito de aparelho psíquico e desenvolveu a ideia de id, ego e superego.

Ainda sobre o inconsciente é um lugar oculto para a consciência, mas que se apresenta atrás dos sonhos, dos lapsos, atos falhos e outros. Pensando no sonho, foi esclarecido que é uma realização alucinada de um desejo que é sexual na sua origem. Logo é uma volta a traços mnêmicos de satisfação, ou seja, um retorno a um objeto que foi perdido do qual sua presença é marcada pela falta. Mesmo com o impedimento da censura, os desejos, que são originários do inconsciente, apresentam-se continuamente à disposição para uma expressão consciente. Posteriormente Lacan também propôs uma releitura do conceito de desejo e considera que ele não implica numa relação com um objeto real, mas sim com uma fantasia.

Por fim, o último conceito abordado no capítulo foi o da “identificação projetiva”. Primeiro se mostrou o processo da identificação que foi instaurado por Freud, no qual o sujeito se transforma se apropriando de aspectos ou traços dos seres humanos que o rodeiam. A identificação pode ser de diversos tipos: com o pai primitivo, regressiva, com o desejo, traço unário e a identificação com o objeto perdido. A partir disso, Melanie Klein desenvolveu o conceito de “identificação projetiva” baseado na relação que pode ser sádica entre mãe e bebê. Partes do self são expelidos e projetados em objetos externos (outras pessoas), logo esses objetos acabam se tornando então possuídas e controladas por partes projetadas identificando-se com elas.

A pesquisa partiu da hipótese que os motivos para a resistência dos jogadores de futebol em (re) conhecer e dar conta de assumir e realizar o próprio desejo, quando seu objeto de investimento libidinal for alguém do mesmo sexo,

pode estar no futebol como um espaço de virilidade e masculinidade, onde comportamentos diferentes dos papéis esperados sofrem retaliações. Outro motivo, é a questão de o próprio atleta não reconhecer o seu desejo sexual e reprimir. Além disso, a identificação projetiva atua através da torcida que utiliza da projeção, logo o atleta é invadido com essas ideias e começa a se comportar, sentir e agir de acordo. Desse modo, o atleta do futebol seria, então, a imagem refletida de uma virilidade que nega um possível desejo homossexual.

Neste trabalho consegui responder com base em uma ótica psicanalítica possíveis motivos e as implicações para o atleta masculino, jogador de futebol, não assumir o desejo homossexual nesse meio esportivo. Dentro do tema homofobia no futebol, há diversas possibilidades de estudos, esta foi a minha delimitação.

Diante da metodologia proposta, percebe-se uma defasagem de estudos que abordam a temática da homofobia no futebol na visão do atleta. Devido a limitação do tempo e do problema de saúde vivido atualmente, não foi possível realizar uma pesquisa mais ampla, utilizando-se da pesquisa de campo.

Recomendo para pesquisas futuras a análise da visão dos próprios jogadores de futebol masculino em relação a homofobia nesse esporte e como isso pode influenciá-los em suas atuações.

REFERÊNCIAS

Abel, João. Bicha: homofobia estrutural no futebol. Natal: Editora Primeiro Lugar, 2018.

Alfaia, André João Belacorça - Homofobia no futebol. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. Dissertação de mestrado. Disponível em [www:<http://hdl.handle.net/10071/7105>](http://hdl.handle.net/10071/7105). Acesso em 21 mai. 2021.

Antunes, P. P. S. Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo. São Paulo: Tese de doutorado em Psicologia Social. Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. (13ª Edição). São Paulo: Saraiva, 1999.

Clarke, Simon. Identificação projetiva: do ataque à empatia? NUANCES: estudos sobre educação, ano VIII, n. 08, set. 2002.

FIFA (2007). *Big Count 2006: Statistical Summary Report*, FIFA Communications Division, 2007. [Online]. Available: https://digitalhub.fifa.com/m/55621f9fdc8ea7b4/original/mzid0qmguixkcmruvem_a-pdf.pdf

Fink, Bruce. Introdução clínica à psicanálise lacaniana. Zahar, 2018.

Franklin, K. Unassuming Motivations: contextualizing the narratives of antigay assailants. In: HEREK, G.M. (ed.) *Stigma and Sexual Orientation: understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals*. California: Sage Publications, 1998. p. 1-23.

Freitas, Marcel. Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, Argentina, ano 8, n. 55, p. 01-02, dez. 2002. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd55/paixao.htm>.

Freud, S. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, (1996). V5 Trad. sob a direção de Jayme Salomão (Edição standard brasileira das obras completas de Freud).

Freud, S. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. in *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1920-1922). Além do princípio do prazer. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. vol. 2 (2006) / Trab. Sob a direção de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1920-1923). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Obras Completas volume 15 / Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 13-113.*

Freud, S. (1923-1925). *Ego e o ID. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. vol. 3 (2007) / Trab. Sob a direção de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago.*

Freud, S. (1925-1926) *Um Estudo Autobiográfico. Rio de Janeiro: Imago (1996). Trad. sob a direção de Jayme Salomão. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XX).*

Freud, S. (1996). *Fragmento da análise de um caso de histeria. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (V. Ribeiro, Trad.) Vol: VII. Rio de Janeiro: Imago, pp.15-116 (Texto original publicado em 1905).*

Freud, S. (1968). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras completas de Freud v VII).*

Garcia-Roza, L. A. *FREUD e o inconsciente. (24º ED). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.*

Gil, Antonio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa- 4. ed.- São Paulo: Atlas S.A, 2002.*

Godoy, Arlida Schmidt. *INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1 abr. 1995.*

Herrmann, F. (1999). *A Psique e o Eu. São Paulo: HePsyché.*

Junqueira, R. D. *Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>*

Klein, M. *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos (1946- 1963). Rio de Janeiro: Imago, 1991.*

Klein, M. *Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In : __ . Envy and gratitude and other works 1946-1963. London: Karnac Books, 1952, p. 61 -93.*

Lakatos, E. M; Marconi, M. de A. *Metodologia Científica. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2000.*

Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise. (4ª Ed). São Paulo: Martins Fontes.*

Roudinesco, E.; Plon, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE.*

Santos, A. T. Desejo e Pulsão nos processos de sublimação (Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014).

Souza, Marcos A. “Gênero e Raça: a nação construída pelo Futebol brasileiro”. In: SORJ, Bila, STOLCKE, Verena et alii. Cadernos Pagu - raça e gênero. Campinas: UNICAMP, n. 06, 1996.

Weinberg, George. *Society and the healthy homosexual*. New York: Saint Martin's, 1972.

Zimerman, David E. (2004). Manual de técnica psicanalítica: uma revisão. Porto Alegre: Artmed.

ANEXOS

Anexo A – Carta aberta anônima: Jogador de futebol da Premiere League

Autor: The Sun

“Quando criança, tudo que eu sempre quis era ser um jogador de futebol. Eu não estava interessado em ir bem na escola. Em vez de fazer a lição de casa, cada minuto livre que eu tinha era gasto com uma bola. No final, valeu a pena. Mas ainda hoje eu ainda tenho que me beliscar quando saio e jogo todas as semanas para milhares de pessoas.

No entanto, há algo que me diferencia da maioria dos outros jogadores da Premier League: eu sou gay. Até mesmo escrever isso nesta carta é um grande passo para mim. Mas, apenas meus familiares e um seleto grupo de amigos estão cientes da minha opção sexual. Não me sinto pronto para compartilhá-la com meu time ou dirigentes.

Isso é difícil. Passo a maior parte da minha vida com esses caras e, quando entramos em campo, somos um time. Mas, ainda assim, algo dentro de mim impossibilita que eu seja aberto com eles sobre como me sinto. Espero muito que um dia, em breve, eu consiga. Eu sei desde os 19 anos que eu sou gay. Como é ter que viver assim? No dia a dia, pode ser um pesadelo absoluto.

E isso está afetando minha saúde mental cada vez mais. Me sinto preso, e meu medo é que divulgar a verdade sobre quem sou tomará as coisas piores. Assim, embora meu coração sempre diga que preciso fazer isso, minha cabeça sempre diz a mesma coisa: "Por que arriscar tudo?". Tenho a sorte de ganhar um salário muito bom. Eu tenho um carro bonito, um guarda-roupa cheio de roupas de grife e posso comprar tudo o que eu quero para minha família e amigos. Mas uma coisa que estou sentindo falta é companheirismo.

Estou em uma idade em que gostaria de estar em um relacionamento. Mas, devido ao trabalho que faço, o nível de confiança para ter um parceiro precisa ser extremamente alto. Então, no momento, evito relacionamentos. Espero muito em breve encontrar alguém em quem consiga confiar o suficiente.

A verdade é que eu ainda não acho que o futebol esteja pronto para que um jogador assuma. O esporte precisaria fazer mudanças radicais para que eu pudesse dar esse

passo. A Associação de Jogadores de Futebol Profissionais diz que está pronta para ajudar um jogador a assumir. E eles disseram que oferecerão aconselhamento e apoio a quem precisar. Isso não está faltando. Se eu precisar de um conselheiro, posso ir e marcar uma sessão com ele sempre que quiser. O que aqueles que dirigem o jogo precisam fazer é educar fãs, jogadores, gerentes, agentes, proprietários de clubes - basicamente todos os envolvidos no esporte.

Se eu desse esse passo, gostaria de saber que seria apoiado em cada passo da minha jornada. Agora, eu não sinto que seria. Eu gostaria de não ter que viver minha vida dessa maneira, mas a realidade é que ainda existe uma enorme quantidade de preconceito no futebol. Em inúmeras vezes ouvi cantos homofóbicos e comentários de apoiadores direcionados a ninguém em particular. Estranhamente, isso realmente não me incomoda durante as partidas. Estou muito focado em jogar. É quando eu volto para o avião ou para o CT e tenho tempo para pensar que isso me afeta.

No momento, meu plano é continuar jogando o quanto eu puder e depois, quando eu puder assumir, me aposentar. Foi ótimo no mês passado ver Thomas Beattie levantar a mão e admitir ser gay. Mas o fato de ele ter que esperar até a aposentadoria diz tudo o que você precisa saber. Os jogadores de futebol ainda estão com muito medo de dar o passo enquanto jogam.

Desde o ano passado, tenho recebido apoio da Fundação Justin Fashanu para lidar com o impacto que isso tudo tem na minha saúde mental. É difícil expressar em palavras o quanto a fundação ajudou. Isso me fez sentir apoiado e compreendido, além de me dar confiança para ser mais aberto e honesto comigo mesmo. Sem esse apoio, eu realmente não sei onde estaria agora.

Eu sei que posso chegar ao ponto em que acho impossível continuar vivendo uma mentira. Se eu fizer, meu plano é me aposentar cedo. Eu poderia estar jogando fora anos de uma carreira lucrativa, mas não se pode colocar um preço em sua paz de espírito. E eu não quero viver assim para sempre."